

O Teclar e o Escrever: conceitos e preconceitos lingüísticos, culturais e sociais

SÉRGIO ROBERTO COSTA

Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações e Faculdade de Educação da
Universidade Federal de Juiz de Fora – MG
costasero@uol.com.br

ANA PAULA MARQUES SAMPAIO PEREIRA

Grupo de pesquisa: Linguagem, Interação e Conhecimento, da Universidade
Federal de Juiz de Fora – MG
apelf@ig.com.br

Resumo

O objetivo deste texto é analisar e interpretar os conceitos e preconceitos lingüístico-gramaticais, culturais e sociais que perpassam o discurso construído por “representantes” – com diversos graus de letramento – de várias esferas sociais e institucionais (mídia, escola, família etc.), ao julgarem socialmente, e não lingüisticamente, os chamados “erros gramaticais” como “crimes de lesa-pátria”. Também o discurso produzido pelos adolescentes entrevistados em pesquisa sobre construção/produção da escrita na internet e na escola deixa entrever julgamentos semelhantes, tanto ao reproduzir a opinião da escola quanto a própria, refletindo uma educação que tem efeitos deletérios, tanto nas relações sociais quanto nas educacionais, principalmente na educação lingüística que é oferecida a nossa infância e juventude.

Palavras-chave: lingüística, preconceito, internet, escrita.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo analizar e interpretar los conceptos y preconceptos lingüístico-gramaticales, culturales y sociales evidenciados en el discurso construido por “representantes” – con diversos grados de conocimientos – de varios estratos sociales e institucionales (mídia, escuela, familia, etc.), al juzgar socialmente, y no lingüisticamente, los llamados “errores gramaticales” considerándolos como “crímenes contra la patria”. Juicios parecidos aparecen en el discurso de adolescentes entrevistados en pesquisa sobre construcción/producción de la forma escrita en la internet y en la escuela, tanto al reproducir la opinión propia, como la de la escuela. Esto refleja una educación que tiene efectos deletéreos, tanto en la relaciones sociales como en las educacionales, principalmente en la educación lingüística ofrecida a nuestros niños y a la juventud.

Palabras-clave: lingüística, preconcepto, internet, forma escrita.

Abstract

This text aims to analyze the linguistic-grammatical, cultural and social concepts, and prejudices which emerge in the discourse of “representatives” – with varying degrees of literacy – of each of the social and institutional realms (media, school, family etc.) when they judge, socially and not linguistically, the so-called “grammatical errors” as “unpatriotic crimes”. Also, the speech of teenagers in a research about “The construction/production of writing in the Internet and at School” has led to similar judgments, both in the school’s voice and in their own, a reflection of an education which has deleterious effects on social and educational relationships, especially in the linguistic education offered to our children and young people.

Key words: linguistics, prejudice, internet, writing.

Conceitos e preconceitos, lingüísticos, gramaticais e sociais. Eis as questões. Começamos pela leitura de um editorial da *Folha de S. Paulo* (2000). Vamos transcrevê-lo na íntegra, pois diz mais que qualquer comentário, ainda que não deixemos de analisá-lo neste artigo, já que nosso objetivo é justamente discutir os conceitos e preconceitos lingüísticos e gramaticais que perpassam o discurso construído por “representantes” – com diversos graus de letramento – de várias esferas sociais e institucionais (mídia, escola, família, etc.), quando julgam, socialmente e não lingüisticamente, os chamados “erros” como “crimes de lesa-pátria”. Também os discursos produzidos pelos adolescentes entrevistados em nossa pesquisa¹, “A construção/produção da escrita na internet e na escola”, deixam entrever julgamentos semelhantes, tanto da voz escolar quanto de sua própria voz. O que estaria por trás desses julgamentos? É o que objetivamos analisar e interpretar neste artigo.

O EDITORIAL

Nossa Língua Portuguesa

A língua é algo mutável. De outra forma ainda estaríamos falando indo-europeu. A Internet, porém, sobretudo em seus programas de conversação chamados “chats”, está criando uma nova linguagem. A oralidade e a pressa com que as pessoas conversam, principalmente se se levar em consideração a lentidão da rede, fazem com que se desconsiderem regras básicas da gramática e da ortografia. Assim, não é incomum observar uma vírgula entre o sujeito e o predicado, em português, crime de lesa-sintaxe, ou

mesmo alguns absurdos como “faser” ou “anciosamente”, que são casos em que fica difícil diferenciar o erro de digitação do erro ortográfico.

Quando se considera que é a elite do país que tem acesso a computadores torna-se (*sic*) ainda pior. Se as pessoas mais ricas e que estudam nos melhores colégios do país não conseguem escrever dentro das boas normas gramaticais e ortográficas – por mais contaminações orais que se possam admitir –, há certamente algo errado com o ensino.

¹ Pesquisa realizada de agosto de 1999 a julho de 2001, coordenada pelos professores-doutores Maria Teresa de Assunção Freitas e Sérgio Roberto Costa, com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – Fapemig.

Ninguém exige, é óbvio, que cada aluno da elite brasileira seja um latinista ou um helenista, mas escrever dentro da norma do português com todas as variações admissíveis é o mínimo que se deveria exigir de qualquer profissional de qualquer área.

A Internet ainda suscita outros problemas de linguagem. Escrever em letras maiúsculas é mais ou menos o mesmo que gritar. Existem também outros problemas como as chamadas caracteretas. São quase que como uma linguagem simbólica representada por desenhos que em certos aspectos

se assemelha aos hieróglifos egípcios. Uma face risonha composta por acentos e símbolos significa, por exemplo, felicidade.

Seja em português, em inglês ou em qualquer outra língua do planeta, a Internet já começa a modificar os usuais meios de comunicação reputados como corretos. É melhor pensar nas implicações desse fenômeno antes que seja tarde demais e as línguas já estejam descaracterizadas pela extrema e cada vez mais rápida popularidade da rede.

O editorial começa bem, assumindo o caráter não imanente das línguas (“A língua é algo mutável. De outra forma ainda estaríamos falando indo-europeu”) e reforça a idéia da variabilidade lingüística, no entanto de uma maneira preconceituosa: “mas escrever dentro da norma do português (de qual norma?) com todas as variações admissíveis é o mínimo que se deveria exigir de qualquer profissional de qualquer área”. Se o editorial fala em “variações admissíveis”, não pode limitar a norma, já que cada comunidade tem a gramática de sua própria variedade e, portanto, as normas variam de comunidade para comunidade. Desse modo, os usuários de *chats* (salas de bate-papo) na internet formam uma nova comunidade lingüística com sua maneira específica de “conversar-escrevendo” e construíram um código discursivo² próprio que caracteriza um novo gênero discursivo (internáutico/internético) e textual numa nova instituição: a ciberespacial. Portanto, não faz sentido o editorial criticar o uso de maiúsculas ou “outros problemas como as chamadas caracteretas” se, justamente, esses recursos icônicos (visuais e/ou sonoros), semióticos, tipográficos ou logográficos fazem parte do novo código discursivo de produção textual na rede com o objetivo de indicar entonações ou recursos paraverbais (sorrisos, caretas...), próprios da interação oral face a face na conversa-escrita ciberespacial. Trata-se de conversa-escrita, plena de

² Ver Pereira e Moura (2001), em que se discute a construção de um novo código discursivo dos usuários de salas de bate-papo na internet.

recursos expressivos novos, que Anís definiu como “norma escrito-conversacional”, isto é, como

“...um sistema de elementos lingüísticos que se manifestam graficamente e cuja função é de reagir a um estímulo dado (o qual em regra geral tem o caráter de urgência) de um modo dinâmico, ou seja, de uma maneira pronta e imediata, exprimindo não só o aspecto puramente comunicacional, mas também o aspecto emocional do usuário da linguagem, que reage.” (1999, p. 75)

Isso tudo viria confirmar o que o editorial destaca “Seja em português [...] ou qualquer outra língua do planeta, a internet já começa a modificar os usuais meios de comunicação reputados como corretos.” Contudo, dizer que os usuais meios de comunicação sejam os reputados como corretos e que “É melhor pensar nas implicações desse fenômeno antes que seja tarde demais e as línguas sejam descaracterizadas...” é, no mínimo, contraditório com a tese inicial do editorial, que reconhece a mutabilidade das línguas e a criação de uma nova linguagem nos programas de conversação na net. Por que a forma da linguagem da imprensa escrita é a correta e a da internet não? São contextos, lugares, e situações de produção diferentes. Além disso, na história da escrita, as línguas não se descaracterizaram porque houve mudanças nas formas dos códigos ou porque, ortograficamente, as palavras se modificaram (por exemplo, palavras como “país”, e até “Brasil” já foram, oficialmente, grafados com Z no português).

Por falar nisso, parece-nos, como vamos discutir neste artigo, que “escrever dentro das boas normas gramaticais e ortográficas” do português quase se restringe à preocupação com a ortografia, tanto no discurso da imprensa, dos leigos, quanto no da escola. E as “boas normas gramaticais” seriam somente as de prestígio social. Neste caso, a variabilidade lingüística existente tanto na oralidade quanto na escrita, dependendo da situação ou do contexto de produção, ou da intencionalidade do autor do discurso, ou do gênero discursivo e textual escolhido, como ficaria?

PROFESSORES

E os conselhos daqueles professores de português, que escrevem em jornais e revistas, prescrevendo o que é certo e o que é errado, tornando-se famosos e ricos, mas pobres de espírito, já que parecem desconhecer a realidade lingüística oral e escrita brasileira e sua evolução e, dogmaticamente, apresentam um modelo único de língua? Que conseqüências nos podem trazer? Além de tantas outras, atingem nossa

auto-estima lingüística, cultural e social, como se o cidadão não soubesse falar sua língua materna.

Nesse sentido, algumas falas de professores, bem como a proposta de um deputado “que dá início à campanha de defesa da língua portuguesa contra os estrangeirismos que corrompem um dos símbolos da identidade nacional”, pretendendo legislar sobre a língua (Projeto de Lei n. 1676), refletem, por si só, os preconceitos lingüísticos, gramaticais, culturais e sociais dos seus locutores que, no mínimo, desconhecem as novas teorias da Lingüística sobre linguagem/linguagens, língua(s) e discurso:

“Proveniente do latim vulgar, o português é uma língua doce, bela – “a última flor do Lácio”, rica em vocábulos, complexa pelo excesso de regras gramaticais, difícil na fala e sobretudo na escrita, inacessível à maioria dos falantes.”

[...]

“O português é muito mais difícil que os demais idiomas (sobretudo o inglês), possuindo um vocabulário extenso e uma gramática complexa, cheia de regras e exceções. É também menos falado que os outros.”

[...]

“A maioria da população brasileira usa mal a língua, não valoriza, maltrata-a. Isso se deve ao desinteresse ou desleixo, como é o caso, por exemplo, das pessoas cultas que, às vezes, cometem erros absurdos.” (Depoimentos de professores por ocasião do Provão, 1999-2000)

Para responder a certos absurdos ditos por tais professores que têm, como parâmetro, a língua padrão escrita, cujo modelo são os livros de gramáticas, não as **gramáticas da língua**, nada melhor do que citar alguns fragmentos mordazes, irônicos, mas verdadeiros, teoricamente válidos de *O gigolô das palavras*, de Luís Fernando Veríssimo, que sempre foi – como ele próprio escreve sobre a sua pouca intimidade com a gramática – “péssimo em português”, mas para quem a “intimidade com a gramática é tão dispensável que eu ganho a vida escrevendo, apesar de minha total inocência na matéria. Sou um gigolô das palavras. Vivo às suas custas.”

Assim ele se expressa:

“A sintaxe é uma questão de uso, não de princípios. Escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo. [...] A gramática é o esqueleto da língua. Só predomina nas línguas mortas, e aí é de interesse restrito a necrólogos e professores de Latim, gente em geral pouco comunicativa. Aquela sombria gravidade que a gente nota nas fotografias em grupo da Academia Brasileira de Letras é de reprovação pelo português ainda estar vivo. Eles só estão esperando, fardados, que o português morra para poderem carregar o caixão e escrever a autópsia definitiva. É o esqueleto que nos traz de pé, certo, mas ele não informa nada, como a gramática é a

estrutura da língua mas sozinha não diz nada, não tem futuro. As múmias conversam entre si em gramática pura.” (1999)

Ou, ainda, na metáfora do título do texto, fechando-o:

“Um escritor que passasse a respeitar a intimidade gramatical das suas palavras seria tão ineficiente quanto um gigolô que se apaixonasse pelo seu plantel. Acabaria tratando-as com a deferência de um namorado ou a tediosa formalidade de um marido. A palavra seria sua patroa! Com que cuidados, com que temores e obséquios ele consentiria em sair com elas em público, alvo da impiedosa atenção de lexicógrafos, etimologistas e colegas. Acabaria impotente, incapaz de uma conjugação. A gramática precisa apanhar todos os dias para saber quem é que manda.” (1999)

ESTRANGEIRISMOS E LEGISLAÇÃO

Destaquemos agora alguns artigos do Projeto de Lei n. 1.676 sobre estrangeirismos, a que nos referimos, cujo objetivo é, a nosso ver, preservar a “pureza virginal” de nossa língua materna, como se ela ainda fosse virgem e como se esse tipo de preservação fosse real e possível, já que nossa língua, histórica e culturalmente, está eivada de galicismos, anglicismos, africanismos, etc.:

Art. 3º. É obrigatório o uso da língua portuguesa por brasileiros natos e naturalizados, e pelos estrangeiros residentes no País há mais de 1 (um) ano [...]

Art. 4º. Todo e qualquer uso da palavra ou expressão em língua estrangeira, ressalvados os casos excepcionais nesta lei e na sua regulamentação, será considerado lesivo ao patrimônio cultural brasileiro, punível na forma da lei.

Parágrafo único: para efeito do que dispõe o *caput* deste artigo, considerar-se-á:

- I. prática abusiva, se a palavra ou expressão em língua estrangeira tiver equivalente em língua portuguesa;
- II. prática enganosa, se a palavra ou expressão em língua estrangeira puder induzir qualquer pessoa, física ou judicial, a erro ou ilusão de qualquer espécie;
- III. prática danosa ao patrimônio cultural, se a palavra ou expressão em língua estrangeira puder, de algum modo, descaracterizar qualquer elemento da cultura brasileira.

[...]

Art. 6º. O descumprimento de qualquer disposição desta lei sujeita o infrator a sanção administrativa, na forma da regulamentação,

sem prejuízo das sanções de natureza civil, penal e das definidas em normas específicas [...]

De acordo com Faraco (2001), esse projeto vem apenas confirmar os preconceitos lingüísticos e míticos de língua como fator de unidade nacional, aliás, uma concepção fascista à moda de Franco e Mussolini por suas legislações lingüísticas, historicamente conhecidas. A proposta desse deputado, além de preconceituosa, carece de fundamentação científica. Nas palavras de Faraco,

“...o projeto revela um indisfarçável desejo de controle social da pior espécie, daquele que, ignorando a heterogeneidade e a dinâmica da vida cultural, quer impor o homogêneo e o único. Todo gesto de legislar sobre a língua tem, aliás, essa triste característica.” (2001, p.31, 1ª. col.)

Até a influência de brasileirismos na língua portuguesa de Portugal é objeto de preconceito. Mas vejamos o que Urbano Tavares Rodrigues, escritor português, respondeu, ao ser indagado sobre os possíveis efeitos negativos da introdução de brasileirismos em Portugal, rebatendo a idéia da deturpação ou decadência lingüística da língua portuguesa camoniana, por ela importar “estrangeirismos” brasileiros.

“Experimento [uma certa perplexidade] sempre que me põem questões como esta: “Estão a assassinar o Português? É verdade que são altamente deseducativos não poucos noticiários e programas televisivos inçados de impropriedades vocabulares e horrores sintácticos, sobretudo se se trata do sermão oficial. Mas não vamos a partir daí condenar todos os brasileirismos oriundos das telenovelas que entraram na língua portuguesa: nem todos a abastardam, muitos enriquecem-na acrescentando-lhe colorido e humor. A língua é um corpo movente e não há comportas que sustentem a força de quem fala.” (1983, s/p.)

AS VOZES DOS INTERNAUTAS

Assim, poderíamos citar outras falas preconceituosas e falas que as rebatem e contestam na mídia ou no cotidiano. Contudo, este artigo pretende “ouvir” as vozes dos internautas que entrevistamos e analisar os conceitos e os preconceitos lingüístico-gramaticais, culturais e sociais que daí emergem, reflexos de uma educação de efeitos deletérios em nossas relações sociais e educacionais, principalmente na educação lingüística que oferecemos à infância e juventude.

Para que a análise se sustente cientificamente, procuraremos nos embasar em teorias lingüísticas recentes sobre concepções de linguagem, língua, gramática, escrita e leitura, buscando entender linguagem como forma ou processo de ação e interação.

Nesse sentido, a lingüística da enunciação percebe a linguagem como uma forma de interação humana e língua como conjunto de variedades diversas. Nessa perspectiva, a linguagem é uma atividade social dialógica, uma forma de ação interindividual, interlocutiva de orientação finalística para o “outro” (alteridade) e lugar de interação sócio-histórico e ideológico (Bakhtin, 1994). O falante que já possui a gramática internalizada de sua comunidade lingüística como instrumento de produção discursiva usa a linguagem como espaço de construção/constituição semiótico na interação verbal e social, em que o discurso é, simultaneamente, processo e produto dessa interação. Assim, abandona-se uma visão de língua como código, sistema, e adota-se uma visão enunciativa de linguagem com manifestações lingüísticas, produzidas por indivíduos concretos em situações reais de interlocução, sob determinadas condições de produção discursiva. Ou seja, discurso deve ser entendido como linguagem em funcionamento numa determinada situação, isto é, como prática social, historicamente produzida e contextualizada: um acontecimento enunciativo em determinadas condições de produção/enunciação (Foucault, 1987; Orlandi, 1987, 1993).

Em síntese, podemos dizer que fala, escrita e leitura inserem-se, como práticas/atividades discursivas, num quadro comunicacional que privilegia a multiplicidade, a diversidade, a diferença, a alteridade e a linguagem na qualidade de signo e não de sinal (estável, idêntico a si mesmo), mas o signo vivo, dinâmico, dialético, móvel, flexível e variável. Nesse quadro, falante/ouvinte e escritor/leitor constituem-se em sujeitos do discurso nas várias dimensões espaciais e temporais, nas várias instituições e esferas sociais.

O indivíduo passa um bom tempo de sua vida na escola, estudando a língua materna e diversas formas de linguagem. Mas que concepção de linguagem e língua ele estuda? Que falante ou ouvinte e escritor e leitor ele é ou querem que ele seja?

Intuitivamente, de um lado, nossos entrevistados³ percebem o que é escrever/ler em um espaço (a escola) e em outro (a internet), apesar de conceitos equivocados sobre o que é escrever. Eles demonstram conhecer qual variedade lingüística devem usar, conforme o interlocutor ou a intenção discursiva, ou o objetivo e a função do texto a ser produzido.

³ As iniciais que precedem as falas se referem aos internautas entrevistados, cujos nomes completos omitimos por questões éticas.

Observemos as falas em negrito:

Entrevistador: São táticas, né?

S: (risos) É, **são táticas**, exatamente, são táticas. No *chat*, **eu só uso português certinho quando eu tenho uma intenção, eu não dou ponto sem nó, não**. Eu tô perdendo tempo, **eu não tô perdendo tempo à toa**. Então, até neste sentido, assim, eu uso português certinho se eu tiver um interesse no *chat*. **Agora, na escola, é direto, trabalho pra apresentar...** (negritos nossos)

Ao distinguirem a escrita escolar da escrita teclada das salas de bate-papo, os internautas destacam características “estranhas” de produção da linguagem nesse espaço virtual de interação:

R: Ah... porque... Tipo assim, às vezes, acontece caso assim fora, né, do real, digamos assim. Que foi algum fato hilário, né, alguma coisa engraçada. Aí, você vai comentar com alguém, sabe? Tem algum amigo seu também que, às vezes, você conhece. Ou não conhece, só por ali mesmo. Às vezes, acaba que você sente, né, conversando com a pessoa mesmo, frente a frente.

Entrevistador: Acaba que mesmo tendo a distância, né...

R: Você está interagindo.

Entrevistador: ...separado pela tela...

R: Com certeza.

Entrevistador: Então, é por isso que você falou que parece coisa de bobo, né.

R: É, parece coisa de doido.

O internauta percebe, portanto, que o teclar nas salas de bate-papo apresenta possibilidades e funções distintas da escrita escolar, ou seja, são práticas de escrita que diferem dos exercícios tradicionais de redação escolar. Ao participar das salas de bate-papo, ele se sente como se estivesse falando, como em uma conversa oral face a face, no entanto, percebe que essa conversa é escrita/teclada, propiciada por um novo instrumento de comunicação: o computador interligado em rede. Embora seja uma nova prática de linguagem, trata-se de uma situação real e concreta de interação: virtual, mas não ficcional.

Tal situação é avaliada por um estudante da seguinte forma:

F: Assim, na internet você conversa com várias pessoas, quanto mais rápido você escrever melhor. Então, se você tivesse falando, não tinha jeito de você conversar com um montão de gente, mudando de assunto, ao mesmo tempo, tanto é que você está lendo, você leu o que você falou, você leu o que a pessoa falou e está ali grudado o tempo todo. E assim, quanto mais rápido você escrever melhor, então, assim, às vezes vale a economia de letras sabe? Você colocar tipo, abreviações, é... igual a gente usava direto várias abreviações, nem escrevia as palavras inteiras. Para facilitar e para a gente conversar mais rápido com várias pessoas ao mesmo tempo.

O modo pelo qual o bate-papo virtual se configura exige do internauta uma reflexão diferente acerca da língua, de maneira que se possa promover e manter uma interação com o(s) outro(s) em simultaneidade, sem prejuízos à comunicação estabelecida. Ou seja, o novo espaço e a forma de interação exigem um novo gênero discursivo, próprio da esfera social em que se inserem, mas isso não indica que o internauta tenha de abrir mão de um ou outro gênero do discurso ou de um outro nível da língua (mais formal) para promover interação, seja em suas relações fora das salas de bate-papo ou em determinadas situações dentro delas:

S: Ah, eu ainda uso alguns ainda. Eu uma vez usei a trema... é engraçado, eu usei trema e o cara ficou indignado comigo... “que trema... cinqüenta... por que você vai escrever cinqüenta com trema?” “Ah, me deu vontade”. Tem vez que eu escrevo cinqüenta “snq.” e tem vez que não, eu vou escrever cinqüenta, **depende do tempo que tenho, depende de quantas pessoas eu estiver conversando**. Depende muito disso, se eu tiver com tempo, conversando com uma pessoa só... **Até o jeito mesmo, né, quer dar uma de galã, né, de galã na internet é escrever bem**. Passa uma impressão muito boa do que você escrever “vc”, “pq”... Agora você, pô, tá teclando com uma pessoa e essa pessoa **conversa direitinho, escreve tudo direitinho...** porquê com **acento, e aquelas regras gramaticais todas**, pô, a pessoa já olha, pô, diferente, né? **De certo modo, se você usar o português arcaico, se você quer chamar alguém pra conversar, é certo**. Se você usar o português direitinho, a pessoa “pô, que pessoa diferente é essa... tá usando tudo certo...”

No caso, o jovem internauta revela saber utilizar-se do que ele chama de “português arcaico” para demonstrar certo *status* social em conversas nas salas de bate-papo. Ou seja, o internauta tem consciência de que há variedades lingüístico-discursivas que podem ser usadas de acordo com sua intenção discursiva. No entanto, essa mesma língua (“português arcaico” para esse jovem) é utilizada sistematicamente na escola.

Após revelar a influência do “português escolar” nas salas de bate-papo, esse mesmo internauta, ao ser questionado sobre como se dá o inverso disso, distingue a escrita pessoal no seu caderno (gênero primário) da escrita própria da produção de trabalho escolar (gênero secundário):

S: Interfere, interfere. Interfere não... vamos dizer assim, **eu sei separar o que é... igual eu já falei... meu caderno... meu caderno... O meu caderno só eu vou ler, o professor não pega. Agora, um trabalho, por exemplo, de escola ela interfere. Aí, é português, eu poderia até dizer, arcaico, né? É aquele negócio, não se colocar, tipo assim, é... é... “se contou” ... “contou-se” ... Trabalho é português certinho. Contou-se em vez de se contou. Quer dizer, trabalho ela interfere, agora, no caderno, é totalmente... o que tem de *e-mail* no meu caderno... Só aí você vê, é “caderno personalizado”... tem *e-mail* de todo mundo, é ICQ⁴ de um, ICQ de outro... (negritos nossos)**

O que se pode perceber com esta resposta é que há uma distinção entre: um português arcaico e certinho (o “bom português”) e outro, julgado, do ponto de vista conceitual e social, errado.

Apesar desse julgamento, outras falas dos internautas confirmam a consciência lingüístico-discursiva que possuem e suas habilidades de uso da língua em situações concretas de interação, ao produzirem seus enunciados, deixando entrever que percebem as diferenças entre uma forma de expressão e outra, conforme a situação ou o contexto de produção, como se pode ver a seguir:

Entrevistador: Você falou que na internet o pessoal não fica preocupado com os erros, por que você acha que eles não ficam preocupados?

H: Não. Porque na internet é um lugar de lazer, sabe? É porque eles ficam assim, é... só quer saber de bate-papo, erro eles nem estão aí. É porque às vezes tem gente que tem computador que não tem “cecidilha”, aí tem que fazer o “c” e tem que por a cedilha, mas só que não dá, aí ninguém liga não. Ninguém liga não.

Entrevistador: Na escola isso é um problema?

H: É.

Entrevistador: Por quê?

⁴ ICQ, assim como IRC e mIRC, é um protocolo para programas que permitem entrar de forma síncrona em uma sala de bate-papo virtual.

H: Se esqueceu o cedilha dá errado, vai ser outra pronúncia, aí não vai entender, na hora que for ler assim, não vai entender não.

Ou ainda:

Entrevistador: Você já falou, só pra gente dar uma fechada mais nessa questão, como que é, qual que você consegue ver, a diferença de escrever na internet, no computador e de estar escrevendo na escola? Como é isso pra você?

H: Vejo assim: na internet você escreve abreviando, no caderno você tem que escrever certo, porque o professor não gosta muito não...

E mais:

Entrevistador: E qual que você acha que é a diferença entre escrever para a professora e escrever para o internauta?

B: Ah! escrever pra professora, é, que, você tem que escrever certinho. Cê tem que..., se preocupar muito com o erros, muito com o que ela pede, entendeu e, começo, meio e fim da história, entendeu. Não fugir do tema, se pede muito isso. Agora com o internauta você tá ali conversando, se você errar, você pode escrever pra, ih! Errei, escrevi tal coisa errada, entendeu. Não é assim não. Ou então você coloca entre aspas, o que você escreveu errado, entende? Ou então você, você tenta fugir do assunto, que ali você pode tentar fugir do assunto e tal, entendeu? Você, ali, você pode fazer o que quer. Pode escrever da maneira que você quer, entendeu? Agora pra você escrever pra uma professora é totalmente diferente.. você tem que escrever bem certinho, é, na internet, não tem [...] de letra, a pessoa não sabe como é sua letra, se é de forma, se é toda torta. Agora pra,... pra professora você tem que escrever bem certinho, pra entender e tal, bem legível.

Por essas falas os estudantes deixam claro que percebem a diferença entre dois estilos lingüísticos, embora cada um tenha o seu valor no momento, local e situação em que é utilizado.

Se, na internet, a não-utilização da cedilha ou de acentos, as abreviações ou outros “erros ortográficos ou gramaticais” são necessários como forma de promover maior dinamismo e rapidez ao discurso dos internautas, na escola, esses erros se tornam um problema, uma vez que o modo como a escrita escolar se configura (baseada, principalmente em um dialeto padrão), implica, necessariamente, a utilização obrigatória do português “certinho”, além de todo texto ter uma estrutura canônica

(começo, meio e fim) como se só assim a comunicação pudesse se estabelecer.

Porém essas diferenças superficiais geralmente se apresentam distorcidas ao internauta, passando-se a impressão de que uma língua é errada e a outra certa. Apesar disso, os alunos internautas demonstram ter consciência do funcionamento de sua língua materna, tanto como discurso concreto quanto como forma, confirmando o que diz Geraldini:

“...uma coisa é saber a língua, isto é, dominar as habilidades de uso da língua em situações concretas de interação, entendendo e produzindo enunciados, percebendo as diferenças entre uma forma de expressão e outra. Outra é saber analisar uma língua dominando conceitos e metalinguagens a partir dos quais se fala sobre a língua, se apresentam suas características estruturais e de uso.” (1999, p.46)

Como vimos até agora, os internautas possuem essa consciência enunciativo-discursiva, mas como na escola prevalece o ensino da metalinguagem, o que se destaca é a preocupação formal da língua, principalmente a questão ortográfica e gramatical. Além disso, nossos entrevistados trazem em suas falas as vozes da escola e dos professores, plenas de preconceitos lingüísticos e julgamentos sociais ou de conceitos lingüístico-gramaticais muito mais na linha de concepções tradicionais de linguagem, língua e gramática do que na concepção adotada neste trabalho, confirmando os conceitos e os preconceitos lingüístico-gramaticais e discursivos que já analisamos.

Iniciemos com um fragmento de fala de um de nossos entrevistados:

Entrevistador: Mas você acha que a internet, então, acelerou esse processo [de mudança] ou mudou esse processo da língua portuguesa?

S: Acelerou, acelerou. Eu acho que seria a tendência, sem sombra de dúvida. A tendência de toda língua é mudar, né, e se tornar cada vez mais simples. Por isso que às vezes eu gosto muito mais... gosto mais não... é... eu acho que as regras do português deviam ser igualzinho a do inglês... parece homem das cavernas falando, né, “mim ser você... em inglês é tudo assim, quase não configura o verbo, né, joga o verbo daquele jeito, vai jogando, e na hora que você vê é aquilo mesmo e quase não tem aquelas palavras... e verbos auxiliares... e aquilo tudo... e português... gramática... sintática... e aquilo tudo... Quer dizer, eu acho que essa complicação toda era boa para português, português era bom, mas prá gente brasileiro... acho que depois de 500 anos, depois de não sei quanto, a língua evoluiu, evoluiu, mas devia ter evoluído muito mais rápido. Mesmo sem o auxílio da internet devia ter evoluído mais

rápido. A internet veio só a falhar em alguns pontos. Igualzinho eu falei, abreviou coisa que não devia ser abreviada...

Como o editorialista da *Folha*, esse jovem também reconhece o caráter não imanente das línguas, embora já apresente um preconceito ou um conceito (falso) sobre o que é uma língua estruturalmente “mais simples”. Na verdade, há um discurso de que o inglês é mais simples e mais fácil que o português por não apresentar morfemas flexionais número-pessoais (presenciais) na maioria absoluta das formas, ou seja, por o verbo em inglês não se “comportar formalmente”, como no português.

Esses conceitos sobre a complexidade da língua portuguesa e a “simplicidade” (menor complexidade?) da inglesa, refletidos numa fala científica de internauta, são os mesmos na fala de professores que citamos.

Tanto na fala do internauta quanto na dos professores, o parâmetro é a língua escrita, cujo modelo, como já dissemos, são os livros de gramáticas e não as gramáticas das línguas. O que o internauta quis dizer com “...e português... gramática... [análise] sintática... e aquilo tudo...”, é justamente o “aquilo tudo” que a escola ensina: a metalinguagem, o certo e o errado, e não os usos das gramáticas que uma língua coloca à disposição de seus falantes ou escritores em suas múltiplas variedades.

Desse modo, essas transformações ou mudanças pelas quais uma língua passa diacronicamente podem representar uma ameaça, como vimos no editorial e também na fala de JP, um dos estudantes, freqüentador de salas de bate-papo:

JP: Geralmente... algumas palavras não têm como serem abreviadas, né, tem que ser escritas de maneira correta, né, ...**mas existem pessoas que não se incomodam em escrever corretamente, né... aí já passa a ser uma ameaça à própria língua portuguesa, né.** E essa pessoa deixa de... tá fazendo mal para si... pra si próprio né... que tá deixando de... estar dentro das normas cultas da língua, né?

Entrevistador: E ... que que você acha disso?

JP: Bem...

Entrevistador: Qual sua posição sobre essas pessoas, sobre tudo isso?

JP: Eu acho isso é ... **um desacordo com a língua portuguesa, né, e que essas pessoas deveriam procurar escrever corretamente através da internet. Mesmo... abreviando as palavras, que isso não tem como né, tem que abreviar mesmo...**

Entrevistador: Hum...

JP: ...é mas... procurar escrever corretamente né... seria uma saída. (negritos nossos)

Mediante seu discurso podemos observar que o aluno considera a língua como um sistema de normas a serem seguidas, normas que diferenciam o “português correto” de outro considerado incorreto. Essa concepção vai ao encontro de uma concepção tradicional de gramática, que compreende a língua como um sistema de normas legítimas e imutáveis. O estudante revela, ainda, que o não uso da forma culta traria prejuízos ao indivíduo. Esses prejuízos provavelmente estão relacionados a um preconceito social mais amplo, inclusive, praticado muitas vezes pela escola, ao considerar a norma padrão como a única a ser utilizada.

Desta forma, o internauta nega a linguagem costumeiramente utilizada pelos freqüentadores de salas de bate-papo, considerando seu uso criminoso, mas como outros internautas insistem em praticá-la, poderão, conseqüentemente, enfrentar o rigor das leis, ou seja, o rigor das normas... gramaticais. Assim, o internauta tenta eximir-se desse ato condenável, revelando que ele não é como os outros do “bando”, procura escrever corretamente, mas abreviar... ou seja, comete um delito leve, digamos, até justificável.

Mas há uma saída para o internauta que não se pretende reincidente. Como o preso que muda de religião e se torna outra pessoa, não mais respondendo aos crimes do passado, resta ao usuário de *chat* (principalmente o viciado) e freqüentador de ambientes marginais como as salas de bate-papo, “procurar escrever corretamente”, embora a escrita da internet influencie sua escrita escolar:

*F: ...vai ficar falando: “pô você está escrevendo errado”, não vai falar isso para você. Aí, você nem liga, não dá importância, nem importância para essas coisas de escrever errado. Aí, nisso eu acho que atrapalha um pouco na escola. Até se você for escrever alguma coisa, atrapalha na sua, como eu vou dizer... **atrapalha na sua, na forma da escrita mesmo, atrapalha um pouco. Mas não um caso assim sério sabe, vai deixar você burro, essas coisas não. Mas, que ela influencia, influencia, com certeza!!!** (negritos nossos)*

Neste relato, o ex-internauta (admite não ser mais freqüentador de salas de bate-papo), deixa claro o risco que corre ao se utilizar da escrita teclada da internet. A dependência não chega a transformar o internauta em um “burro”, mas influencia “e muito”, interfere no futuro do indivíduo. Dessa forma, viciar na escrita das salas de bate-papo torna-se não praticar a escrita da escola, ou melhor, negar a própria escrita, concebendo a escrita

escolar como a única forma correta e possível de escrita. Ao insistir na escrita teclada, o sujeito estaria evitando aprender ou talvez “desaprendendo” a escrever. O trecho a seguir confirma esta idéia:

F: ...assim, no sentido... por exemplo, no colégio você tem que escrever, porque está sendo... tem que escrever **certo**, eu acho assim, é **bom para o nosso futuro**, para mim futuramente também, **não ser uma pessoa que não sabe escrever, não saiba escrever meu texto, tudo direitinho, cheio de erros de ortografia, essas coisas assim**. A internet não liga para essas coisas, isso atrapalha até, assim, com certeza influencia, na internet, igual assim, a gente teclando, a gente escreve naum ao invés de ser não. Você a gente só escreve vc, assim, a gente fazia até para dar um humor e facilitar também. (negritos nossos)

Essa concepção da escrita dos internautas como errada e da escrita escolar como correta, e, ainda, do domínio de um português único, dito correto, como forma de ascensão social (“é bom para o nosso futuro”), não é apenas coincidência entre os internautas, pois ela está presente no discurso de jornalistas, de professores e de leigos, conforme foi discutido neste texto. Existe, nesta visão, o entendimento de língua como código e, conseqüentemente, de gramática como conjunto de regras a serem dominadas para se falar e escrever corretamente: uma visão sistêmica e formalista, imanente e monológica de língua, que se encontra presente na mídia, no nosso dia-a-dia e, principalmente, na escola.

Diogo Mainardi, por exemplo, chega a dizer:

“Eu não sabia o que era tc. Até que Marcelo, na sala Imagens Eróticas, informou-me que tc significa teclar. Por um instante, imaginei que os papeadores tivessem inventado um rico jargão feito de síncope e abreviaturas. Nada disso. O jargão limita-se a kd (cadê), vc (você) e tb. O resto é puro e simples erro de português: infelizmente, quiz, afim, faiz. Aliás, este é o aspecto mais paradoxal dos bate-papos: a molecada semi-analfabeta é obrigada a se comunicar através da forma que menos domina: a língua escrita. Por isso só consegue articular xingamentos e obscenidades.” (2000, p.221, negritos nossos)

Essas palavras, além de refletir o desconhecimento de um novo código discursivo (uso de *emoticons*, *scripts*, letras maiúsculas, alongamentos de vogais e consoantes, com valores de entonação, etc.), inventado pelos internautas, são frutos, não só de um preconceito lingüístico, mas principalmente, social, de que uma ou outra variedade lingüística praticada por certo grupo social seria inferior a outra. Há uma grande diferença entre preocupar-se com o código e se preocupar com o

discurso. E, as falas dos internautas sobre a língua portuguesa escolar, como na mídia, refletem, principalmente, a primeira preocupação (com o código). Contudo, os internautas, ao se referirem às salas de bate-papo, descrevem-na como um ambiente para a prática discursiva, em que se escreve “para dar um humor e facilitar também”, embora esta prática seja condenável por possuir um estilo lingüístico-discursivo próprio.

Esse centramento no código e nos gêneros discursivos escolares interfere diretamente no gosto pelo escrever, como podemos verificar:

Entrevistador: Você gosta muito de ler. Você falou que tem livros, já leu bastante livros e tal. E de escrever?

B: Muito pouco.

Entrevistador: Muito pouco. Mas a escrita do *chat*, não é uma escrita?

B: É uma escrita, mas é... você tá conversando com uma pessoa. Agora eu gosto de escrever quando tem algum, quando tem algum tema, quando tem alguma coisa, entendeu? Que aí eu imagino na hora aí eu escrevo mesmo. Agora fora isso, muito pouco. O *chat*, você tá lá, você tá escrevendo, mas você tá conversando, entendeu? Cê num tá lá escrevendo sozinha [inaudível], escrevendo um pouco sozinha, só pro pessoal ler.

Segundo Bakhtin (1999), “a lingüística sempre se apoiou em enunciações constitutivas de monólogos fechados”, e é essa lingüística que foi e ainda é utilizada pela escola, seja baseada em uma norma padrão concebida como única e verdadeira, seja percebida mediante codificação-decodificação de signos. Portanto, o que nos é apresentado pela escola não é exatamente uma avaliação lingüística da escrita, mas uma avaliação social pautada em um julgamento social preconceituoso que valoriza uma determinada forma de escrita e estigmatiza outras, centrada numa produção textual, muitas vezes, descontextualizada e que não aceita que cada linguagem tem o seu valor.

No exemplo a seguir, podemos observar esse conflito entre preocupação com o código *versus* preocupação com o discurso, quando a internauta participa de um concurso jornalístico para adolescentes de *O Globo*:

Entrevistador: Você prefere escrever na escola ou na net?

T: Ah, na internet...

Entrevistador: Por quê?

T: Ah, por que eu acho assim... que nem... que nem... essas reportagens, é muito melhor você escrever sobre um tema livre, cê vai... cê vai falar sobre o que cê quiser. Então, cê escreve, ó se vira... Escreve aí... Aí eu escrevia numa boa. Agora na escola geralmente você tem... que, você tem uma prova, você tem a questão. Tem que desenvolver, aí eu não sei.. acho mais chato. Apesar de na maioria das vezes até mandar bem mas.... acho chato...

Neste exemplo, a internauta compara a escrita das salas de bate-papo com a escrita de um texto jornalístico, pelo fato de em ambas haver o que ela chama de “tema livre”: escrever sobre o “que quiser”, ou seja, algo significativo, mas que contempla um gênero textual específico.

Entrevistador: Mas aqueles textos do *Globo* tem alguma regra para se seguir. Alguma coisa pra fazer o texto, não tem?

T: Cê tem que seguir a regra de... é... como é que eu posso te... o estilo de texto, né... o estilo de texto jornalístico. Agora, o tema é livre... O tema é seu...

Entrevistador: É tipo assim... Entre escrever alguma coisa, mesmo que você não tenha regras pra seguir, mas seguir um tema ali, você prefere o quê?

T: Eu até prefiro seguir regras.

Segundo o relato, a escola parece não oferecer esta “oportunidade” de escrita, levando a estudante a se desinteressar pela escrita escolar. Quando “T” fala “eu prefiro seguir regras”, ela está se referindo à estrutura composicional do texto jornalístico que foi solicitado e não às regras ortográficas ou gramaticais. Contudo, certamente, o padrão de língua exigido para este texto foi o padrão culto. Nesse sentido, a escola deve ensinar os alunos a escrever (e falar) as diversas modalidades textuais, usando gramáticas diversas da mesma língua, apropriadas à produção de discurso a que se objetiva.

É importante, porém, destacar que não é nossa intenção neste texto culpar a escola pelo desânimo de seus alunos, mas dar voz a eles, para que nós, profissionais da escola, possamos compreender melhor a nossa prática educacional e suas conseqüências.

Do mesmo modo, não pretendemos, ao assumir que a escrita da escola é demasiadamente preocupada com o código, condená-la e eximi-la de ensinar e refletir sobre o funcionamento gramatical da língua em suas variedades. Essa é e deve continuar sendo uma preocupação da escola. No

entanto, falta aliar-se a ela uma preocupação com o “porquê” e “para que” dizer, avançando ao “o quê” e “como” se diz ou se deve dizer.

Por que, então, uma estudante diz gostar de seguir “regras” em um texto jornalístico e não gostar do português da escola (tão dotado de regras), conforme o que foi dito anteriormente?

Segundo a concepção de linguagem que assumimos, isso ocorre porque a escola está mais preocupada em seguir/obedecer regras gramaticais prescritivas, e a estudante está mais interessada nas regras do gênero textual (texto de opinião) do discurso jornalístico.

Dessa forma, a idéia de gramática expressa pela aluna é a de um conjunto de normas que o falante já conhece e utiliza no seu dia-a-dia ou em momentos especiais. Segundo Possenti (1996): “É preciso que fique claro que sempre que alguém fala, o faz segundo regras de uma certa gramática,” ou seja, a língua “padrão” praticada na escola e valorizada pela sociedade não é a única a possuir regras ou gramática própria. Um texto jornalístico e mesmo a escrita teclada das salas de bate-papo têm suas próprias gramáticas, e estas não podem ser compreendidas como piores ou melhores do que outras, apenas diferentes.

Ainda que haja uma avaliação lingüística pelos próprios internautas, como já vimos anteriormente ou na fala a seguir, eles não correm risco de reprovação, como acontece na escola, ainda que possa parecer que a preocupação avaliativa escolar seja só com a ortografia. Na verdade, o que a internauta quer dizer está além, isto é, seria a condenação à fuga de um padrão do “bom português”, cujo resultado pode ser a perda do ano.

Entrevistadora: Na internet você não está sendo avaliado.

F: Não, **na internet você não está sendo avaliado**, ninguém vai... assim, **você não corre o risco de perder um ano** por causa de... Igual assim, **no colégio não, se você já errar, erros de ortografia, essas coisas, o professor desconta na nota, você perde ponto**, essas coisas. Mas na internet você não tem esse perigo. Você pode escrever errado, não tem... as pessoas.. no máximo podem dizer: você não sabe escrever, pensar né, de você?! Ele não sabe escrever direito. Mas isso lá, o pessoal nem liga, isso faz parte do dia-a-dia da internet, é normal. Isso é... rápido. (negritos nossos)

Ou seja, segundo Britto (1997), “a resposta está no modo como diferentes transgressões àquilo que a norma canônica estabelece como correto é avaliado”. Portanto, de acordo com Possenti (1996), “o que existe não é erro lingüístico, mas inadequações de linguagem”. Da mesma forma que a gramática da escrita teclada da internet seria inadequada em uma

redação escolar, a escrita “escolar” se tornaria inadequada aos internautas que, por necessidade de maior rapidez na comunicação, lançam mão das abreviações, e, como se trata de um hipertexto, eles utilizam outros recursos semióticos ou logográficos para substituir a conversação face a face, como: *emoticons*, *scripts*, entre outros. A própria estudante e internauta “T”, que disse não gostar da escrita da escola, ao contrário da utilizada em textos jornalísticos e *chats*, ilustra essa questão:

Entrevistadora: Ah é?

T: É. Por que pelo menos assim, se você conhecendo as regras... Ah, não sei... acho que fica mais bonito... Que nem a gente conhecia as regras e tal.. ó, regras é isso, isso e isso. Faz o que você quiser aqui dentro disso. Aí você vai e se vira... Ó, esse texto do vício, eu sentei era na sexta-feira de noite e na quinta-feira à noite, e na sexta-feira tinha que entregar o texto. Eu abri o mIRC e abri o bloco de notas, o bloco de notas.. e comecei a escrever.. Eu já tinha feito a pesquisa com as pessoas, era só ir encaixando e tal não sei o que imprimir e levei pro *Globo*... Aí a mulher elogiou e tal e não sei que e falou: não, eu vou botar do jeito que tá no jornal... Ah, então tá bom, quer colocar pôe... (risos)

O que ela encontrou no estilo jornalístico e provavelmente encontra nas salas de bate-papo que não encontra na escola? A produção de um texto que veicula socialmente, que tem objetivo, contextualizado, situação e condições reais de produção. Existe o “para quê”, “para quem”, “onde” e “por que” escrever.

CONCLUSÃO

Podemos dizer que os usuários de salas de bate-papo e, portanto, usuários de língua portuguesa, e, como tal, conhecedores de uma ou mais gramáticas de sua língua materna, embora tenham externado uma consciência enunciativo-discursiva e lingüística, deixam transparecer em suas declarações as vozes da mídia, da família e, principalmente, da escola e dos seus professores, cheias de preconceitos lingüísticos, culturais e sociais, cujos efeitos podem ser desastrosos para a educação lingüística, cultural e política de nossa juventude.

Com este texto, mediado pelas vozes dos internautas entrevistados, pretende-se, portanto, desmitificar a escrita em salas de bate-papo, revelando os conceitos e prepreconceitos lingüísticos e sociais que a envolvem, fazendo a interface com a escrita e o ensino gramatical escolares, que têm como base um modelo único e anacrônico de língua,

reflexo do discurso dogmático e obscurantista (pré-científico) que perpassa as várias esferas sociais que mantêm uma reverência quase religiosa à chamada gramática normativa tradicional, com defensores no meio jornalístico, docente e legislativo, e cujos efeitos nocivos pudemos destacar.

Mas como alterar este quadro? Achamos, como Luiz Fernando Veríssimo (1999), que essa gramática (ou seus defensores?) “precisa apanhar todos os dias para saber quem é que manda”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANIS, J. Chats et usages graphiques. In: ANIS, J. (dir.) *Internet, communication et langue française*. Paris: Hermes, 1999. p. 74-90

BAKHTIN, M. (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec: 1999.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes. Os Gêneros do discurso. 1994. p.327-358.

BRITTO, L. P. L. *A Sombra do caos: ensino de língua x tradição gramatical*. Campinas: ALB & Mercado de Letras, 1997.

FARACO, C. A. Guerras em torno da língua. *Folha de S. Paulo*. Caderno Mais, p.30-31, 25 mar. 2001.

FOLHA DE S. PAULO. *Editorial*, p. A 2, maio 2000.

FOUCAULT, M. *A Arqueologia do saber*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

GERALDI, J. W. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas: ALB & Mercado de Letras, 1996.

_____. (org.) *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1999.

MAINARDI, D. De papo em papo, sem idéia. *Veja*, p.221, 4 out. 2000.

ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. *Foucault vivo*. Campinas: Pontes, 1987. p.: Ilusões da/na linguagem.

PEREIRA, M. S.; MOURA, M. Z. S. *A produção discursiva nas salas de bate-papo: formas e características processuais*. In: "Duc in Altum". Muriaé: Fafism, v.1, n.1, p.91-111, 2001.

POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

RODRIGUES, U. T. *Estão a assassinar o Português!* Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1983. A Língua, corpo movente.

VERÍSSIMO, L. F. O Gigolô das palavras. *O Globo*. Caderno do Vestibular, A Prova da Semana, 17 ago. 1999.

Recebido em: agosto 2003 Aprovado para publicação em: março 2004

